

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

119

INSCRIÇÕES 509-511



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2014

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE
ÓBIDOS (*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento de placa de calcário róseo, que, a ter possuído molduração, lhe foi por completo amputada por ocasião da reutilização. Superfície epigrafada alisada.

Foi recolhido em Amoreira de Óbidos (concelho de Óbidos) por Carlos Pereira, numa actividade da Associação Espeleológica de Óbidos, que consistiu, conforme pode ler-se no respectivo relatório, na «demolição de parte do banco existente no adro da igreja de N^a Sr^a do Aboboriz [...] com o objectivo de pôr a descoberto uma porta gótica (séculos XV/XVI), a qual se encontrava parcialmente entulhada funcionando como nicho». O trabalho foi «desenvolvido a pedido da Junta de Freguesia e com o consentimento do Pároco responsável pelo templo em questão, de forma a repor em evidência este importante vestígio patrimonial».

A epígrafe ficou à guarda da Associação, não nos tendo sido possível saber exactamente onde ora se encontra, pelo que aguardamos o seu novo achamento a fim de procedermos à sua medição, dado que as medidas não constam do relatório disponível.

A sua origem pode ser de uma *villa* ou de outra unidade romana passível de ter existido (pelo espólio identificado) nas proximidades da igreja; ou ter resultado de acção predatória de desmantelamento de materiais de construção da próxima cidade de *Eburobritium*, para reutilização. De facto, como se sabe, quer o castelo de Óbidos quer a Quinta da Rainha devem ter absorvido muitos desses materiais e desse templo proveio também o epitáfio de Maximino, duúnviro de *Eburobritium*.¹

¹ Cf. <http://eda-bea.es/>, registo nº 20 034; AE 1936 106.

[D(iis)] M(anibus) / [CAPI]TO AN(norum) / [...]V · AV/
[RELIA?] [...]A / [...] [?]

Aos deuses Manes. Capitão, de... anos. Aurélia (?)...

Caracteres actuários, gravados com goiva. Da linha 1, resta o M, que indicia, sem dúvida, a presença da normal invocação aos deuses Manes. É um M com as hastes da esquerda a cortarem as da direita sensivelmente a meio. Na l. 2, a terminação superior do T (ligeiramente acima da linha); O bem circular, sem vestígio de pontuação a seguir; o A acentua a tendência geral do *ductus* para a esquerda, com barra horizontal um tudo-nada abaixo do meio. Na l. 3, resta a parte superior direita de uma letra que, pela inclinação, deve ser V e, atendendo à sugestão de AN ser, como apontamos, a abreviatura de AN(*norum*), será a última letra do numeral indicativo da idade. Segue-se um ponto redondo e AV será, mui provavelmente, o começo do nome que identifica a/o dedicante: AV/RELIVS ou AV/RELIA. Optamos pelo feminino porque, na l. 4, há a parte superior depois que supomos ser a letra A; ou seja: A seria a terminação do *cognomen* da dedicante.

Não há ideia de como terminaria o texto, que teria, pelo menos, mais uma linha: se apenas F(*aciendum*) C(*uravit*) levar-nos-ia a colocar a epígrafe em meados do século I d. C.; se a fórmula H·S·E·S·T·T·L apontar-se-ia para finais desse século.

Não se nos afigura despicienda a possibilidade de o defunto se chamar *Capito*. Trata-se de um *cognomen* – ou nome único – etimologicamente latino² com, pelo menos, 17 testemunhos registados na epigrafia da Lusitânia romana.³

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CARLOS PEREIRA

² Mais de 300 testemunhos refere Iiro Kajanto, no conjunto do CIL, desde tempos republicanos: *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 235.

³ Vide NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 132-133, mapa 75.



1



2



509